

A Diferença na Certeza Sensível

Cristiano Alves Pimenta (Bolsista PIBIC/CNPq)

Orientador: Paulo Arantes

No primeiro capítulo da “Fenomenologia” a certeza sensível, enquanto um “saber do imediato ou do essente” é tomada como objeto. Aquilo que mais de imediato aparece a este saber é tomado como a verdade mais rica e inquestionável. A consciência, enquanto imediatez, está na certeza sensível como puro “Eu”, um “Eu” que é um “este”. Também o objeto está sob mesma condição: um puro “isto”. É portanto um ponto de apoio fundamental à certeza sensível a crença de que neste nível imediato ela exprime a Coisa em sua riqueza infinita e plena.

O examinar da certeza sensível obriga que ela se manifeste de três maneiras distintas. Num primeiro momento o objeto é posto como o imediato essencial e o Eu é posto como um saber inessencial que pode ser ou não. Num segundo momento o Eu é o essencial e o objeto inessencial. E num terceiro momento é a relação entre o Eu e o objeto que é tomada como essencial. Para nosso objetivo aqui, abordamos a certeza sensível apenas em seu primeiro momento. Neste, a primazia é do objeto, ele é o verdadeiro e a essência pelo simples fato de ser tomado como aquilo que é. O procedimento Hegeliano será o de ver se esse objeto se mantém na própria certeza sensível tal como ela afirma. Daí a pergunta: Que é, na certeza sensível, o “este” objeto ?

O “aqui e o agora” sintetizam todos os objetos possíveis de serem tomados como um “este”. Que é o agora? “o agora é meio-dia” mas essa verdade não se sustenta, pois daqui a pouco dizemos: “agora são 13 horas”. O primeiro agora já não é, tornou-se um outro, mas este (13 horas) terá o mesmo destino do primeiro. Ora, isso significa que o agora enquanto um “este” pontual não se mantém. Sua consistência é completamente evanescente. Nosso mundo tecnologicizado fornece-nos experiências interessantes com o tempo, temos relógios que marcam os centésimos ou até os milésimos de um segundo. De maneira que soaria cômico tentar incluir décimos de segundos na resposta ao “que é o agora?”. Sendo assim, o agora torna-se um “nem isto nem aquilo - um não-isto”. Contudo, defini-lo como não isto é defini-lo negativamente, o que nos dá o que “o agora” não é. Mas, a pergunta “o que é o agora?” ainda persiste. Ora, a maneira de dizê-lo afirmativamente, de afirmar o não-isto, é enunciar o agora enquanto todos os agoras (1h, 2h ...) tomados simultaneamente. Todo e cada agora é um este agora. Numa palavra, o agora é um universal.

Evidentemente este percurso do “agora” singular ao agora universal não é outra coisa que a mediação, o trabalho do conceito. Sendo assim, aquela imediatez pretendida pelo saber sensível teve que ser abandonada. Mas, será que toda astúcia hegeliana não estaria na atitude de inserir, à força, o conceito, ou como ele mesmo diz, a linguagem, naquela singularidade irreduzível ao próprio conceito, ao negativo? Será que o movimento dialético dependeria dessa arbitrariedade inicial, cuja função

seria a de ocultar o fato de que “o isto”, o objeto da certeza sensível, “*subsiste em sua imediatidade, em sua diferença*” (Deleuze, *Diferença e Repetição*, p.100, ed. Graal, 1988) apesar das tentativas de estabelecer mediações?

Essas questões nos remetem ao nosso tema da identidade e das diferença.

Pois bem, todo esforço de Hegel consiste em demonstrar que o “isto” ou a própria certeza sensível, não passa de uma quimera, um fantasma, se a considerarmos em sua intenção. Qual é a intenção da certeza sensível? Dizer um isto sensível absolutamente singular e pontual: este pedaço de papel. Contudo, “este pedaço de papel”, este “meio-dia” etc, são “*inatingíveis pela linguagem*” (Hegel, *Fenomenologia ...*, p. 81, Vozes, 92). Noutra passagem Hegel escreve: “está pois totalmente excluído que possamos dizer o ser sensível que visamos” (idem, p.76).

Mas em termos hegelianos essa impossibilidade de dizer o isto sensível não decorre do fato dele ser diferente da linguagem e, enquanto tal, irredutível a ela que, por sua vez, constituiria o campo do idêntico:

linguagem: campo da identidade

coisa: campo da diferença

Em Hegel, ao contrário, só é possível situar a diferença como interna ao campo da linguagem (identidade):

linguagem: campo da identidade e da diferença.

Tomemos um exemplo muito simples dado por Hegel na Enciclopédia:

“O pólo norte no ímã não pode ser sem o pólo sul, e o pólo sul não sem o norte. Dividindo-se um ímã, não se tem em um pedaço o pólo norte e no outro o pólo sul ... Na oposição o diferente em geral não tem frente a si somente um Outro, mas o seu Outro” (Hegel, *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, vol.1, pp. 235-6, Loyola, 1995)

Ora, o pólo norte só é diferente do sul pelo fato de os dois constituírem uma mesma estrutura. Um só se faz na presença de seu Outro. Não é possível, pois, que uma diferença subsista por si, fora de um campo, fora de uma estrutura que a constitua enquanto tal.

Retomando nosso tema, podemos concluir: se o isto sensível é inatingível pela linguagem, se ele está excluído de seu campo, ele não pode ser considerado uma diferença que, justamente por ser diferente, resistiria a todas as tentativas de inseri-la no campo da linguagem.

Com isso podemos afirmar que a atitude de Hegel não é introduzir forçosamente o movimento do conceito com o intuito de suprimir o objeto inerte da certeza sensível. O gesto hegeliano é, antes, o de deixá-lo de lado, pois, se ele está fora do lógos, então ele é indiferente ao mesmo. E toda tentativa de apreendê-lo, tal como intenciona a certeza sensível, não faz outra coisa senão inscrever seu próprio fracasso, ou seja, tapar os olhos para o fato de que “*a partir do momento em que se está no lógos, a perda é irremediável, o que está perdido está perdido*” (Zizek, *O Mais Sublime dos Históricos*, p.21, J.Z.E., 1991).